Sentidos religiosos em rede: A (re)construção do "católico" na circulação digital[1]

Moisés Sbardelotto – Unisinos[2]

Resumo

Com o surgimento de uma nova ambiência religiosa impulsionada pela midiatização digital do fenômeno religioso, estabelece-se uma nova interação entre o fiel – por meio da internet – com elementos de sagrado. Assim, a religião como tradicionalmente a conhecemos está mudando, e a "nova religião" passa a ser caracterizada pela midiatização digital (suas formas características de ser, pensar, agir etc. na era digital). Nas redes sociodigitais, há inúmeros sentidos religiosos em circulação, por meio de certas lógicas e regularidades, em uma infindável construção simbólica de instituições e usuários – em um processo constante de "procepção" (produção e recepção). Neste artigo, analisamos aspectos centrais da midiatização digital do fenômeno religioso, analisando casos de (re)construção de construtos católicos nas redes sociodigitais, a partir dos conceitos de dispositivos conexiais e reconexões.

Palavras-chave: Redes sociodigitais; Midiatização digital; Dispositivos conexiais; Reconexões; Religião

Abstract

With the emergence of a new religious ambience driven by digital mediatization of religious phenomena, a new interaction between the believer – through the Internet – with sacred elements is established. Thus, religion as we traditionally know is changing, and the "new religion" is characterized by digital mediatization (their characteristic ways of being, thinking, acting, etc. in the digital age). In socio-digital networks, there are numerous religious meanings in circulation, through certain logics and regularities, in an endless symbolic construction of institutions and users – in a constant process of "proception" (production and reception). In this paper, we analyze key aspects of digital mediatization of religious phenomena, analyzing cases of (re) construction of Catholic

[1] Artigo apresentado no Colóquio Semiótica das Mídias, do Pentálogo III – Ciseco, realizado no dia 19 de setembro de 2012, em João Pessoa.

[2] Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Bolsista do CNPq. E-mail: msbardelotto@yahoo.com.br.

constructs in socio-digital networks, based on the concepts of connectial dispositive and reconnections.

Keywords: Socio-digital networks; Digital mediatization; Connectial dispositive; Reconnections; Religion

Introdução

Ocorre hoje, por meio das mídias digitais, um deslocamento das práticas de fé para o ambiente online, a partir de lógicas midiáticas, complexificando o fenômeno religioso e as processualidades comunicacionais. A religião, em sua necessidade de dar a conhecer as suas verdades sobre o mundo, se apropria dos dispositivos comunicacionais digitais ao seu alcance, através de suas várias possibilidades, para transmitir sua mensagem de fé. Dessa forma, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nos templos de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da internet. Formam-se, assim, novas modalidades de percepção e de expressão do sagrado em novos ambientes de culto.

Essa é mais uma das facetas de uma sociedade em *midiatização*, pois a internet passa a ser também uma ambiência social e discursiva de vivência, prática e experiência da fé. E as lógicas que fundamentam essas práticas religiosas na internet encontram-se marcadas por esse processo, que não é simples, nem instantâneo, nem automático, ocasionando perdas e ganhos de diversos níveis, assim como intercâmbios e inter-relações nessa "digitalização do sagrado". Ou seja, as mídias não são mais apenas extensões dos seres humanos, mas também o ambiente no qual tudo se move, inclusive a religião: um novo "bios religioso".

Analisamos alguns desses elementos em nossa pesquisa anterior (SBARDELOTTO, 2012), em que buscamos compreender as interações comunicacionais desenvolvidas nas práticas religiosas online. Naquele contexto, buscávamos compreender como se davam as interações entre fiel-sagrado para a vivência, a prática e a experienciação da fé nos rituais online do ambiente digital católico brasileiro. Assim, examinamos as estratégias desenvolvidas para a oferta do sagrado, por parte do sistema católico online, e as estratégias de apropriação desenvolvidas pelo fiel, a partir de três âmbitos: a *interface* (as materialidades gráficas

dos sites), o *discurso* (coisa falada e escrita) e o *ritual* (operações, atos e práticas do fiel), que, a partir da internet, vão conhecendo novas possibilidades e limites. O que pudemos perceber a partir de nossas análises é que a fé praticada nos ambientes digitais aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e na manifestação do religioso, por meio de *novas temporalidades*, *novas espacialidades*, *novas materialidades*, *novas discursividades* e *novas ritualidades*, a partir de uma *midiamorfose da fé*.

Entretanto, para além da interação com o sagrado em bits (o *lógos* católico digital) em ambientes declaradamente católicos, instiga-nos o que o fiel faz e como lida com o sagrado em ambientes "públicos" da rede, ou seja, como se constrói o "católico" (o *pathos* católico digital) nos meandros da rede. Portanto, para além da experiência religiosa, interroga-nos essa *experimentação religiosa*. Para além do caráter privado da fé online, interroga-nos o *aspecto público* do fenômeno religioso em suas manifestações comunicacionais digitais. Para além de uma prática ritual de fé, interroga-nos a *prática sociocomunicacional* sobre a religião.

Neste artigo, primeiramente, apresentamos uma breve contextualização do cenário religioso em que se dá essa (re)construção do "católico", aqui entendido como os construtos simbólicos que os usuários, em suas interações comunicacionais, consideram como vinculados ou relacionados à prática e à identidade da Igreja Católica. Em seguida, analisamos o conceito de circulação e os ambientes comunicacionais em que essas práticas se desencadeiam, naqueles que aqui chamamos, ainda em nível de construção teórica, de *dispositivos conexiais*, e as práticas sociocomunicacionais que neles ocorrem para (re)construir o "católico", que aqui chamamos de *reconexões*. Por fim, apresentamos algumas primeiras inferências da nova organização religiosa que surge a partir das redes sociodigitais, que aponta para uma autonomização cada vez mais crescente dos indivíduos religiosos perante as práticas e as identidades religiosas.

Contextualização: A "Reforma digital" contemporânea

As práticas sociais no ambiente online, a partir de lógicas midiáticas, complexifica hoje também o fenômeno religioso. Formam-se novas modalidades de percepção e de expressão do sagrado em novos ambientes de culto (SBARDELOTTO, 2012). Cada vez mais, o fenômeno religioso se desloca para ambientes "públicos" – até

mesmo nas redes sociodigitais. O "sagrado" passa a circular, fluir, deslocar-se nos meandros da internet por meio de uma ação não apenas do âmbito da "produção" eclesial, mas também mediante uma ação comunicacional dos inúmeros pontos (usuários) que compõem a *web*.

As novas tecnologias digitais deram origem a um verdadeiro e próprio espaço social, cujos laços são capazes de influir sobre a sociedade e sobre a cultura. Atuando na vida das pessoas, os processos mediáticos tornados possíveis por estas tecnologias chegam a *transformar a própria realidade*. *Intervêm de modo incisivo na experiência das pessoas* e permitem um alargamento das potencialidades humanas. Da influência que eles exercem depende a *percepção de nós mesmos, dos outros e do mundo* (SÍNODO, 2012, s/p, grifos nossos).

Essas afirmações são da própria Igreja, tão recentes quanto o ano de 2012, em texto preparatório para um Sínodo dos bispos de todo o mundo, ou seja, uma assembleia da cúpula da Igreja Católica mundial, que ocorreu em outubro deste ano sobre a "nova evangelização". A Igreja, portanto, também se debruça sobre os meios de comunicação e reconhece seu papel até mesmo na "transformação da própria realidade". Reconhecendo as "potencialidades" das redes sociodigitais, o Vaticano também assume que elas

> não eliminam, porém, os riscos que a difusão excessiva de uma semelhante cultura já está a gerar. Manifesta-se uma profunda *atenção egocêntrica às necessidades individuais*. Afirma-se uma *exaltação emotiva das relações e dos laços sociais*. Assiste-se ao debilitamento e à perda do valor objetivo das experiências profundamente humanas, tais como a *reflexão e o silêncio*; observa-se uma *excessiva afirmação do pensamento individual*. Reduz-se progressivamente a ética e a política a *instrumentos de espetáculo*. A situação extrema a que podem conduzir estes riscos é à chamada *cultura do efêmero*, do *imediato*, da *aparência*, ou uma sociedade *privada de memória e de futuro*. Num semelhante contexto, é pedido aos cristãos a audácia de frequentar estes "novos areópagos", aprendendo a dar uma valorização evangélica, encontrando os instrumentos e os métodos para tornar audível também nestes lugares hodiernos o patrimônio educativo e de sapiência conservado pela tradição cristã (SÍNODO, 2012, s/p, grifos nossos).

Portanto, a Igreja também reconhece os "riscos" que ela mesma, como instituição, já está correndo com o avanço das redes sociodigitais: individualização,

espetacularização, efemerização etc. do religioso. Assim, em sociedades em midiatização, a internet passa a ser também uma ambiência social não apenas de vivência, prática e experiência da fé, mas também de (re)circulação e (re)construção dos sentidos religiosos.

No âmbito católico, Bento XVI, eleito em 2005, pode ser considerado o primeiro pontífice de uma era em que as mídias digitais já se encontram instaladas. E o seu papado mostrou uma nova postura da Igreja perante o contexto das mídias. Para alguns autores, o que vivenciamos ao longo dos últimos anos com a internet foi uma "reforma digital". Para Drescher (2011, p.XV, tradução nossa), "as mídias sociais digitais estão mudando as práticas de comunicação, de comunidade e de liderança" e, ao mesmo tempo, "estão nos reconectando a práticas relacionais antigas e medievais que foram esquecidas ou abandonadas ao longo dos séculos desde as Reformas Europeias". Além disso, segundo a autora, passam a surgir na internet "novos modos globalizados de acesso, participação, cocriatividade e autoridade distribuída" (DRESCHER, 2011, p.1). As semelhanças e diferenças com a Reforma da Idade Média é que a reforma digital

> é mais claramente guiada pelas espiritualidades muitas vezes *ad hoc* de fiéis comuns […] que, de um lado, têm um novo acesso aos recursos da tradição cristão semelhantes àqueles ofertados pela imprensa, mas que, por outro lado, têm acesso a meios tecnológicos de conexão, criatividade e colaboração com esses recursos que permaneceram nas mãos de uma estrita elite mesmo depois das Reformas Protestantes. Diferentemente das reformas da Igreja anteriores, a Reforma Digital é guiada não tanto por teologias, dogmas e políticas […] mas sim pelas práticas espirituais digitalmente acentuadas de fiéis comuns com acesso global a cada um e a todas as formas de conhecimento religioso previamente disponível apenas a clérigos, estudiosos e outros especialistas religiosos (DRESCHER, 2011, p.2, tradução nossa).

Frente a esse contexto, a alta hierarquia da Igreja Católica, especificamente, respondeu a esse fenômeno com uma espécie de "contrarreforma digital", apropriando-se das mídias digitais. Alguns exemplos: em junho de 2010, com grande repercussão midiática, foi lançado o site News.va (www.news.va) , para uma maior inserção da Igreja nas redes sociais online. Um ano depois, o site do Vaticano (www.vatican.va) foi reformulado, apresentando uma nova disposição dos conteúdos e possibilitando seu acesso em celulares e leitores eletrônicos. Em 2012, em junho, a centenária Rádio do

Vaticano anunciou que deixaria de transmitir sua programação em ondas médias e curtas na maior parte da Europa e da América, reforçando seu acesso através da internet.

Contudo, nessas páginas oficiais da Igreja, estão contidas as versões autorizadas da tradição e da doutrina católicas. Mas, em sociedades cada vez mais em midiatização, o fluxo comunicacional dos sentidos não se deixa deter ou delimitar por estruturas quaisquer. Ao se posicionar em uma arena pública como a internet, a Igreja se coloca em um cruzamento de discursos outros, que não lhe pertencem e lhe escapam[3]. Nessa circulação, vemos que a sociedade diz "isto é católico", "isto não é". Nos vínculos estabelecidos pelos internautas, o *socius* como um todo – incluindo o âmbito religioso e o "católico" – é retrabalhado, reconstruído, ressignificado mediante as processualidades do ambiente digital, por meio de imagens, textos, vídeos etc.

Sociedades em midiatização: A circulação em análise

Em sociedades em midiatização, "a cultura, as lógicas, as operações, os peritos e as estratégias midiáticas atravessam todos os campos sociais, organizando e fazendo funcionar suas práticas" (FAUSTO NETO, 2008b, p.5), inclusive as do campo religioso. Instaura-se, assim, uma "ideologia da comunicação universal" (SODRÉ, 2003, p.29).

Porém, para uma melhor compreensão do conceito de midiatização, é importante partimos da noção de meio, de mídia. Verón (1997, p.12, tradução nossa) conceitua meio de comunicação social como "um dispositivo tecnológico de produção-reprodução de mensagens associado a determinadas condições de produção e a determinadas modalidades (ou práticas) de recepção de ditas mensagens". Mas, aponta, é preciso situar esse dispositivo tecnológico no contexto dos usos sociais, já que o meio "comporta a articulação de uma tecnologia de comunicação a modalidades específicas de utilização (em produção e em recepção)", que podem ser múltiplas e diversificadas. Portanto, no caso das redes sociodigitais, não se trata apenas de uma inovação tecnológica, puramente. O importante é perceber como essa inovação é "usada" pela

3 Apenas a título de ilustração, o site Facebook congrega mais de 800 milhões de usuários, 3,9 vezes a população brasileira, ou ainda 370% da população latino-americana, ou então a mesma quantidade de toda a população de usuários da internet em 2004. Dados oficiais do Facebook, apresentados em sua F8 Conference 2011 e disponíveis em http://migre.me/5Zvbb.

sociedade, ou seja, de que forma ela passa a ser embebida por protocolos comunicacionais para a produção-reprodução de sentido.

As inovações tecnológicas e seus usos sociais fazem com que as lógicas midiáticas perpassem, cada vez mais, as processualidades internas de manifestação e da própria existência das sociedades contemporâneas. Portanto, a questão comunicacional passa a surgir com mais ênfase quando os processos sociais se midiatizam a partir da conjugação de um *processo tecnológico* (inovações que possibilitam ações comunicativas midiatizadas em larga escala) e de um *processo social* (práticas comunicacionais experimentais da sociedade). Ou seja, a sociedade passa a operar mediante "processos midiatizados" (BRAGA, 2012, p.33). Portanto, para além das "mediações culturais da comunicação", interessam mais as "mediações *comunicativas* da cultura" (BARBERO apud BRAGA, 2012, p.34).

Para compreender essa nova natureza sócio-organizacional, um dos conceitos centrais para a compreensão da midiatização é o de *circulação*, que aqui correlacionamos com o conceito de *dispositivos conexiais*, como veremos. A ideia de circulação aponta para uma das principais processualidades comunicacionais em sociedades em midiatização. Isso ocorre a partir do momento em que "a ênfase da lógica produtiva do capitalismo desloca-se do território das estruturas para aqueles dos dispositivos de circulação […] de imaterialidades, ou seja, suas operações de sentido" (FAUSTO NETO, 2005, p.4). É na esfera da circulação que emergem novas formas de interação, novas formas de mediação e novas formas de intermediação, que levam a um salto do ato social para a rede – a religião, nesse sentido, marcada por vínculos tradicionais e históricos, também passa a se moldar por essas novas processualidades.

A circulação, portanto, é uma "atividade construcionista" (FAUSTO NETO, 2010, p.3) e se afasta de uma mera "ação causal" da produção sobre a recepção. No processo comunicacional, ambos os polos "agem" de forma complexa e indeterminada, desencadeando a circulação. Portanto, "os modos segundo os quais a sociedade […] realiza, escolhe e direciona [as possibilidades sociais] é que compõem a processualidade interacional que vai caracterizar a circulação comunicacional" (BRAGA, 2006, p.6-7).

Inicialmente, a circulação era vista meramente como "diferença", como "defasagem", como "passagem", como "intervalo" entre as lógicas de produção e de recepção. Porém, passou a ser vista como "ponto de contato" e, ainda, como "zona de

articulação" entre essas lógicas (FAUSTO NETO, 2010). Assim, o sujeito comunicacional "apropria-se da linguagem para referir-se, referir o mundo e referir o seu *socius*" (FAUSTO NETO, 2010, p.8), o que explicita a questão relacional e não meramente transmissional dos processos comunicacionais. Portanto, quer em produção, quer em recepção, os interagentes das redes sociodigitais, por exemplo, constituem-se e encontram-se mobilizados por uma "ordem que os transcende", ou seja, a interdiscursividade em torno a sentidos religiosos que "se oferece como lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos" (FAUSTO NETO, 2010, p.8).

A circulação, por sua vez, ocorre a partir de dispositivos comunicacionais específicos. Aqui partimos do conceito de dispositivo de Foucault, que o define como "um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discurso, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo" (FOUCAULT, 1982, p.244). Como aponta Agamben (2005, p.13), temos uma "geral e maciça divisão do existente em dois grandes grupos ou classes: de um lado os seres viventes (ou as substâncias) e de outro os dispositivos nos quais estes estão incessantemente capturados". Para o autor, a partir da relação entre uma pessoa e o dispositivo, nasce o sujeito ("o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos" etc.).

Segundo Rodrigues (2000, p.202, grifo nosso), "o campo dos *media* gere os *dispositivos de percepção* da realidade e constitui, deste modo, a própria experiência do mundo moderno, assegurando a sua percepção para a além das fronteiras que delimitam o mundo vivido das comunidades tradicionais". Nesse sentido, a mídia, em sociedades em midiatização, "é dotada de legitimidade para superintender à gestão dos dispositivos de mediação da experiência e dos diferentes campos sociais" (RODRIGUES, 2000, p.202), como no caso da (re)construção do "católico" nas redes sociodigitais, em que os processos de produção de sentido pela instituição e pelos internautas encontram-se marcados pelos protocolos de organização do próprio dispositivo digital, e não mais pela discursividade eclesial.

Os dispositivos midiáticos digitais, portanto, fazem surgir um determinado sujeito midiatizado e trazem "uma mutação nas condições de acesso dos atores individuais à discursividade midiática, produzindo transformações inéditas nas

condições de circulação" (VERÓN, 2012, p.14).O dispositivo da rede permite que qualquer usuário produza conteúdos, e assim, pela primeira vez, "o usuário tem o controle do 'switch' entre o privado e o público" (p.15). A partir desses deslocamentos, os dispositivos midiáticos digitais, portanto, aprofundam a complexidade da experiência religiosa. Pela centralidade da noção de "conexão" nas interações online, optamos por chamar essas matrizes e essas operações de produção de sentido de *dispositivos conexiais*. Antes de avançar na delimitação conceitual, analisaremos alguns casos concretos de (re)construção do "católico" nesses dispositivos.

A (re)construção do "católico": Uma análise dos sentidos religiosos em rede

Nas redes sociodigitais, como dizíamos, há diversos sentidos católicos em circulação. Fora do âmbito oficial da Igreja na internet, trata-se aqui de ambientes públicos por não terem nenhuma vinculação com a fé católica – como o Facebook, por exemplo –, em que a instituição eclesial e os usuários encontram formas de *dizer* o sagrado católico de forma pública. São, portanto, ambientes fluidos "entre o privado e o público; entre a instituição e o indivíduo, entre a autoridade e a autonomia individual, entre os grandes enquadramentos midiáticos e o prossumo (*prosumption*) individual" (HOOVER & ECHCHAIBI, 2012, p.16, tradução nossa). Nesses ambientes, se dá a *tensão* entre a identidade/prática oficial da Igreja e a sua identidade/prática social. Neste primeiro caso, trata-se de uma página criada em julho de 2009, autointitulada *Catecismo da Igreja Católica*[4] (Fig. 1).

Figura 1 - Detalhe da página "Catecismo da Igreja Católica" no Facebook

[4] Disponível em <http://www.facebook.com/catecismobrasil>.

Na descrição da página, informa-se que seus responsáveis fazem parte de um "apostolado fundado em julho de 2009 por jovens católicos ansiosos por Cristo". Porém, na economia da rede sociodigital, esse jovens respondem como "autoridades máximas" do principal documento da lei da Igreja Católica, como vemos no exemplo abaixo (Fig. 2):

Figura 2 - Interação entre usuários na página "Catecismo da Igreja Católica" do Facebook

A página coloca em circulação um trecho do Catecismo que aborda os "símbolos da fé". Uma internauta, Maria Camacho, comenta: "Eu pensava eu era o creio!!!", questionando a publicação da página. Os administradores, então, respondem à usuária, explicando e detalhando a primeira informação. A internauta, por fim, agradece pelo "esclarecimento". Assim, nas interações em rede entre os usuários, o "católico" é reconstruído socialmente, a partir de desvios e complexificações de sentido.

No total, são mais de 21 mil usuários que "curtiram" a página *Catecismo da Igreja Católica*. O botão "curtir", indicado pelo ícone de um polegar levantado, é uma funcionalidade específica do Facebook, que significa a "adesão" do usuário à proposta da página ou a alguma mensagem específica publicada. Ou seja, por gostar, desfrutar ou se divertir com determinado sentido em circulação em rede, o usuário clica em "curtir" para registrar isso na página ou mensagem específica; essa "curtida", automaticamente, também será republicada no "mural" do próprio usuário, ou seja, em seu perfil público no Facebook. Portanto, o "curtir" é uma manifestação pública de adesão, que é

publicizada junto aos leitores da mensagem específica “curtida” e também junto a todos os amigos da pessoa que “curte”.

No caso abaixo, da página *Sou Feliz por ser Católico(a)*[5], a imagem indica: “Eu e o meu Facebook serviremos ao senhor. Louvado seja” (Fig. 3). A imagem traz o logotipo da rede sociodigital Facebook e ainda um peixe, símbolo cristão, com um fone de ouvido desconectado.

Figura 3 - Imagem publicada pela página "Sou Feliz por ser Católico(a)" do Facebook

A imagem reconstrói o “católico” a partir de uma conjunção com a marca Facebook. Se a mensagem bíblica original dizia “Eu e *minha casa* serviremos ao Senhor”, agora o termo “Facebook” substitui a “casa” original, manifestando essa apropriação do dispositivo para a manifestação da fé. Essa publicação gera uma repercussão entre os usuários que acompanham a página. O sistema indica que 226 pessoas “curtiram isto”, o que significa que esses usuários não apenas gostaram desse conteúdo mas também, ao “curtir”, republicaram essa mensagem junto aos demais amigos de sua rede pessoal. Além disso, 290 pessoas compartilharam essa mensagem, uma funcionalidade específica que serve justamente para republicar esse conteúdo no mural pessoal de cada pessoa que o compartilha.

Além dessas manifestações dos usuários, algumas pessoas também comentam a publicação, gerando uma manifestação pública de espiritualidade, como no caso da usuária Marcilei (Fig. 4).

[5] Disponível em <http://www.facebook.com/pages/Sou-Feliz-por-ser-Catolicoa/298547506887616>.

Figura 4 - Comentários de usuários na página "Sou Feliz por ser Católico(a)"

Em seu comentário, Marcilei diz: “Meu Senhor e meu Deus, faça-se em mim a tua santa vontade”. Assim, a partir da publicação da página, a fiel reconstrói a mensagem disponibilizada a partir de uma manifestação pública de religiosidade pessoal. A usuária não apenas se sente tocada pela mensagem, mas também recria essa mensagem com a inserção de seu discurso, voltado a Deus, publicamente.

Dessa forma, as processualidades comunicacionais envolvidas nessas práticas ajudam a moldar o “catolicismo das redes”, o construto “católico” que é possível perceber e apreender nos fluxos comunicacionais da internet. Manifesta-se assim uma “comunicação de massa individual” (CASTELLS apud MIÈGE, 2009, p.88) ou um “individualismo conectado”, já que as tecnologias da informação e da comunicação “colocam fim nas separações observadas entre espaço profissional, espaço privado e vida pública” (FLICHY apud MIÈGE, 2009, p.88), oferecendo novos meios para reforçar a *autonomia individual* e os *contatos sociais*.

Essa individualização das práticas sociorreligiosas aponta para novas “maneiras de fazer” do religioso e do “católico” nas interações digitais em rede: novas fronteiras da *identidade* oficial católica, novas articulações de *comunidade*; novas modalidades de *prática* sociorreligiosa; novas manifestações da *autoridade* eclesial oficial; novas *alteridades* religiosas em conexão. Portanto, não mais apenas uma *heteronomia* que determina e define a identidade e a prática católicas, mas também a *autonomia* dos indivíduos, que inovam e inventam sociotecnicamente o “católico” a partir de “estratégias, técnicas e ações” comunicacionais (MIÈGE, 2009, p.155).

Essas “estratégias, técnicas e ações” comunicacionais apontam para uma tríplice rede em jogo: uma rede (internet) de redes (dispositivos como o Facebook) em que circula uma rede de construtos sobre o “católico”. Essas relações se dão mediante um

dispositivo específico da sociotecnicidade contemporânea, que buscaremos detalhar agora.

Dispositivos conexiais e reconexões

Em sua forma mais simples, uma rede nada mais é do que um conjunto de nós interconectados, que, em nosso caso, são os internautas em interação comunicacional. Na internet, portanto, tecnologia transformada em "meio de comunicação, de interação e de organização social" (CASTELLS, 2005, p.257), manifestam-se "determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação" comunicacional (BRAGA, 2011, p.5) entre a sociedade, como vimos nos casos acima, "sistemas de relações" que o autor denomina de *dispositivos interacionais*, que se organizam "social e praticamente como base para comunicação entre participantes" (BRAGA, 2011, p.11).

Pela centralidade da noção de "conexão" nas interações online, poderíamos chamar essas matrizes e essas operações de produção de sentido, mais especificamente, de *dispositivos conexiais*, ou seja, sistemas de comunicação sócio-técnico-simbólicos heterogêneos que se organizam em torno a conexões digitais. Os dispositivos conexiais são justamente as *interfaces sociotécnicas* que passam a estabelecer redes complexas de circulação comunicacional – uma *tecnicidade* específica da contemporaneidade.

Para Kerckhove (1999), a "essência de toda rede" é precisamente a conectividade. Para ele, a internet é "o meio [mídia] conectado por excelência, é a tecnologia que torna explícita e tangível essa condição natural da interação humana" (KERCKHOVE, 1999, p.25, tradução e grifo nossos). Para o autor, o conectado se tornou uma alternativa ao individual e ao coletivo. Em termos psicológicos, a conexão é o núcleo do bem-estar psicológico, uma necessidade humana básica, enraizada na existência humana, pois rompe com o isolamento, sendo uma qualidade essencial para o estabelecimento de relações. Percebe-se ainda mais a sua importância nas experiências de *desconexão* (seja uma ligação telefônica ou o sinal de internet que cai, a perda de um vínculo social ou afetivo etc.).

Além disso, "os nós [de uma rede] *sempre competem por conexões*, porque os links representam a sobrevivência em um mundo conectado" (BARABÁSI, 2003, p.106, grifo nosso). É interessante perceber as conexões como competição, porque isso

nos leva a abandonar uma ideia de redes como já dadas, prontas, em que basta apenas analisar as conexões existentes para inferir vínculos, capitais simbólicos etc. Portanto, o importante é perceber "o tipo de conexão que se estabelece nas redes" (VALDETTARO, 2009, p.5), ou seja, "a natureza dos conectores que produz determinados agregados de indivíduos", não tomando como óbvia a noção de que as redes digitais são "sociais". A especificidade das redes sociodigitais não é o fato de serem "sociais" (inúmeras outras redes o são, fora do âmbito digital), mas sim que os seus "vínculos", os seus laços "sociais" são instaurados, possibilitados e configurados por conexões técnicas digitais online. Por isso é necessário estar atento às estruturas das conexões, aos padrões das interconexões, às "gramáticas das associações" (VALDETTARO, 2009) que ocorrem em redes sociodigitais específicas.

Acreditamos, como visto nos exemplos analisados anteriormente, que toda rede é uma *ação* de conexão, um *trabalho* em rede (*network*); ou seja, as conexões não existem "em si mesmas", mas são construídas e mantidas constantemente pela ação social de comunicação via dispositivos. Se a midiatização produz e faz funcionar uma nova forma de sociedade produtora de sentido, esta está diretamente vinculada às lógicas dos fluxos, "tendo como fim a produção de uma nova forma de vínculo social, no caso as *estruturas de conexões*" (FAUSTO NETO, 2005, p.3, grifo nosso) entre os processos midiáticos, e entre estes e a sociedade. Nas redes sociodigitais, portanto, se manifestariam mais claramente as "competências comunicacionais" (MIÈGE, 2009, p.97) em ação por parte dos internautas.

Assim, os dispositivos conexiais permitem que "não profissionais [ou não autoridades religiosas], reconhecidos como profissionais 'legítimos', ofereçam suas próprias informações, e que elas se tornem informações de fato a partir do momento em que são mais ou menos 'formatadas' e difundidas" (MIÈGE, 2009, p.70). Os sentidos assim propostos "têm um caráter público (não são reservados aos especialistas e aos profissionais) e [...] intervêm às margens da informação" (MIÈGE, 2009, p.116) e da autoridade eclesiais. Se em seus sites oficiais as instituições religiosas detinham um certo "controle sobre a informação difundida" e exerciam uma "ação de moderação" e uma "função de filtro [...] de seleção e de validação, entre o discurso cidadão e o espaço público", as redes sociodigitais instauram uma nova modalidade de comunicação, ativando um "dispositivo de publicização do discurso leigo" (BLANCHARD apud

MIÈGE, 2009, p.169). Manifesta-se, assim, a relativização da autoridade eclesial e a correlata autonomização do fiel nas práticas religiosas.

"As tecnologias digitais são profundamente marcadas pelos comportamentos de autonomia individual e de 'conectividade' [*mise en connexion*]" (FLICHY, 2010, p.15, tradução nossa), contribuindo para o desenvolvimento de novas práticas sociais. Manifesta-se nesses casos a "invenção do religioso" por parte do internauta comum, que atua sobre os saberes e "desenvolve práticas refratárias e originais, bricolagens que podem desembocar em descobertas" (FLICHY, 2010, p.10, tradução nossa). O "religioso amador", portanto, chega a uma "expertise ordinária" mediante sua aquisição pela experiência e prática cotidianas. "Suas atividades não dependem da constrição de um trabalho ou de uma instituição, mas sim de sua escolha. Ele é guiado pela curiosidade, pela emoção, pela paixão, pela adesão a práticas muitas vezes compartilhadas com os outros" (FLICHY, 2010, p.12, tradução nossa). Se a sua expertise vem da experiência, ele alarga o campo das práticas sociais para além das práticas legítimas: "À produção racional, ele pode opor a bricolagem; à razão, a emoção" (FLICHY, 2010, p.14, tradução nossa).

Ou seja, as interações sociais possibilitadas pelos dispositivos conexiais vão além dos laços sociais tradicionais (em termos de autoridade e de identidade eclesiais, por exemplo): essas interações operam também e principalmente por *reconexões* sócio-técnico-simbólicas. Ou seja, conexões "novas", "ultraconexões" que vão além do já dado em termos *sociais*, *técnicos e simbólicos sobre o religioso*, e nas quais que se manifesta a *invenção social* sobre o "católico" nos processos de circulação comunicacional. É na reconexão que os internautas constroem a partir do que já existe social, técnica ou simbolicamente, ou ainda descobrem o que já existe e que podia estar oculto. Portanto, as reconexões permitem partir de algo já dado e chegar a algo novo (invenção, *in + venire*) por meio de "práticas conectadas" (MIÈGE, 2009, p.185), que se somam às práticas anteriores de construção do "católico".

Dessa forma, indo além de uma análise meramente tecnológica ou computacional das chamadas "redes sociais", reconhecemos que a *essência das redes não está apenas na rede*, mas também em suas reconexões e em seus complexos modos de apropriação pela sociedade.

Considerações finais

Nas redes sociodigitais, como vemos, o "católico" (re)circula e é (re)construído. Isso se soma às "transformações da sociedade moderna – pluralismo das concepções de mundo, privatização e subjetivação do fenômeno religioso – [que] obrigam a todos a serem 'hereges', isto é, a realizar uma 'livre escolha' (em grego: *hairesis*) entre as religiões e as concepções de mundo existentes em uma dada sociedade" (MARTELLI, 1995, p.294).

É o que Berger (1980) chama de "imperativo herético". Se na pré-modernidade, a heresia era uma possibilidade, na sociedade contemporânea ela se torna uma *necessidade*, pois é preciso escolher e decidir diante de múltiplas possibilidades não só religiosas em geral, mas também "católicas", em que as definições já não se dão mais a priori. "Em situações pré-modernas, há um mundo de certeza religiosa, ocasionalmente rompido por desvios heréticos. Ao contrário, a situação moderna é um mundo de incerteza religiosa, ocasionalmente evitada por construções mais ou menos precárias de afirmação religiosa" (BERGER, 1980, p.28, tradução nossa). Portanto, de marginal, a "heresia" se torna universal e geral.

Esse processo se complexifica na internet, em que se vê uma *religiosidade em experimentação*, marcada pela pouca fidelidade institucional e doutrinal, pela fluidez dos símbolos em trânsito religioso e pela subjetivação das crenças. O fiel, portanto, não é apenas coconstrutor de sua fé, mas também realiza um "trabalho criativo" *sobre a própria religião*, tensionando a "interface eclesial". Assim, os processos produtivos da religião passam a não ser mais apenas controlados pela instituição eclesial.

Esse também seria um "sinal dos tempos" da contemporaneidade, em que assistimos "a uma perda de influência e de poder da instituição religiosa sobre os comportamentos religiosos comunitários e individuais. Isso não significa o desaparecimento da fé, mas a *individualização dos comportamentos*", em que, "cada vez mais, as pessoas compõem *elas mesmas* sua própria religião" (LIPOVETSKY, 2009, p.61, grifos nossos). Como indica Lenoir (2012, s/p, tradução nossa), "hoje, os indivíduos têm uma visão cada vez mais pessoal da religião e se fabricam o seu próprio dispositivo de sentido, às vezes sincrético, às vezes em bricolagem".

O que vemos é que as interações em rede e as reconexões em dispositivos conexiais manifestam que "nossas sociedades continuam agindo social e politicamente

[e também religiosamente] ao deslocar os processos de formação da mente pública das instituições políticas [e religiosas] para o campo da comunicação, largamente organizado em torno das mídias de massa" (CASTELLS, 2007, p.258, tradução nossa). Assim, mediante dispositivos conexiais e suas reconexões, a sociedade como um todo – como uma massagem – "trabalha, satura, modela e transforma todas as relações dos sentidos" religiosos (MCLUHAN in MCLUHAN & ZINGRONE, 1998, p.385).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? Outra Travessia, Florianópolis, nº 5, 2005.

BARABÁSI, Albert-László. Linked: How Everything Is Connected to Everything Else and What It Means. Nova York: Plume, 2003.

BERGER, Peter L. Heretical Imperative: Contemporary Possibilities of Religious Affirmation. Nova York: Doubleday, 1980.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado no XX Encontro da Compós. Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://migre.me/a2lp6>.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade. In: MORAES, Dênis de. Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização, cultura e poder. Rio de Janeiro: Record, 2005, pp.225-287.

_____. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. International Journal of Communication, v. 1, Los Angeles, Annenberg Press, 2007, p. 238-266. Disponível em <http://migre.me/5ZVHN>.

DRESCHER, Elizabeth. Tweet If You Heart Jesus: Practicing Church in the Digital Reformation. Morehouse Publishing, 2011.

FAUSTO NETO, Antônio. Midiatização, Prática Social – Prática de Sentido. Trabalho apresentado no Seminário sobre Midiatização, Rede Prosul. São Leopoldo, 2005.

FLICHY, Patrice. Introduction: La démocratisation des compétences. In: _____. Le sacre de l'amateur: Sociologie des passions ordinaires à l'ère numérique. Paris. Éditions du Seuil, 2010, pp.7-17.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

HOOVER, Stewart; ECHCHAIBI, Nabil. The "Third Spaces" of Digital Religion. The Center for Media, Religion, and Culture. Boulder, 2012. Disponível em <http://migre.me/8xIqG>.

KERCKHOVE, Derrick de. Prólogo. In: _____. Inteligencias en Conexión: Hacia Una Sociedad de la Web. Barcelona: Gedisa, 1999.

LENOIR, Frédéric. Les métamorphoses de la foi. Le Monde des Religions, Paris, n. 55, set.-out. 2012, p.5.

LIPOVETSKY, Gilles. Futuro da Autonomia e Sociedade do Indivíduo. In: NEUTZLING, Inácio; BINGEMER, Maria Clara; YUNES, Eliana. Futuro da Autonomia: Uma Sociedade de Indivíduos?. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2009.

MARTELLI, Stefano. A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MCLUHAN, Eric; ZINGRONE, Frank (orgs.). McLuhan: Escritos Esenciales. Barcelona: Paidós, 1998.

MIÈGE, Bernard. A Sociedade Tecida pela Comunicação: Técnicas da Informação e da Comunicação entre Inovação e Enraizamento Social. São Paulo: Paulus, 2009.

SBARDELOTTO, Moisés. E o Verbo se Fez Bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Santuário, 2012.

SÍNODO DOS BISPOS. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Instrumentum Laboris da XIII Assembleia Geral Ordinária. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em <http://migre.me/b6n68>.

VALDETTARO, Sandra. Audiencias: De las “redes sociales” a las “associaciones en red”. Fórum Intermedia. Valência: Fundación de Investigación del Audiovisual, 2009.

VERÓN, Eliseo. Prólogo: La mediatización, ayer y hoy. CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio (orgs). Las políticas de los internautas: Nuevas formas de participación. Buenos Aires: La Crujía, 2012.